

João Carlos Brigola

*Os viajantes e o
'livro dos museus'*

EQUAÇÕES DE ARQUITECTURA
DAFNE EDITORA



*Il Grand Tour con le sue pene e delizie è,
dopo tutto, una metafora del viaggio della vita.*

LORD CHESTERFIEL¹

*Para que viajar? [...] A vida é o que fazemos d'ella.
As viagens são os viajantes.
O que vemos não é o que vemos, senão o que somos.*

FERNANDO PESSOA²

A divulgação dos testemunhos dos viajantes estrangeiros sobre o nosso universo museológico reveste-se de uma particular importância para a história da cultura em Portugal. Se alguns destes textos já foram publicados nos nossos dias – caso dos livros de Janet Schaw, Marquis de Bombelles, Clarissa Trant e Louis-François de Tollenare –, a edição de inéditos e a reimpressão de edições antigas e raras de relatos de viagem adquirem um especial valor, entre outras coisas porque permitem uma ampla investigação da cultura setecentista e oitocentista, cujo campo abarca, dada a natureza multidisciplinar dos textos, a literatura, a história, a crítica de arte, a ciência e a antropologia.³

No início desta recolha, no âmbito dos estudos que conduzimos sobre os museus de setecentos e das primeiras décadas de oitocentos,⁴ estes relatos eram explorados como pouco mais do que curiosidades. Conhecia-se, apesar de tudo, uma literatura abundante sobre as personagens e seus excêntricos olhares – juízos quase sempre preconceituosos e cruéis, por vezes judiciosos e certos – sobre as polémicas apaixonadas que desencadearam e sobre a instrumentalização política que deles se fez (Camilo Castelo Branco⁵, Oliveira Martins⁶, Manuel Bernardes Branco⁷, Maria Amália Vaz de Carvalho⁸, Castelo Branco Chaves⁹). Não se desconhecia o fascínio que continuam a exercer, tanto no mundo da investigação quanto entre o grande público, as teses académicas em torno destes relatos,

bem como as reedições de originais, não param de aumentar. Até mesmo eruditos estrangeiros se têm deixado encantar com a aventura enorme, mas extenuante, de os nomear, de os classificar, de os aprisionar em listas que parecem infindáveis.¹⁰ Outros autores têm, entretanto, alimentado a expectativa de que, ultrapassado o preconceito que considerava estes textos como uma espécie de subgénero literário, se procedesse ao seu estudo de uma maneira menos episódica e fragmentária.¹¹

À medida que se acumulavam descrições, opiniões, ou simples referências ao colecionismo e às actividades museais, houve que aceitar a evidência: os viajantes estrangeiros deixaram escrito, a várias mãos, um importante capítulo do *Livro dos Museus em Portugal*.¹² Testemunhos muito desiguais, diga-se, quer na extensão e pormenor dos registos, quer na qualidade das avaliações. Contudo, a inesperada quantidade de obras impressas que para esta matéria se podem convocar – quase nove dezenas em dois séculos (1700-1900)¹³ – parece ser, em si mesmo, um dado cultural de inestimável significado. Estes relatos revelam, afinal, tanto de quem observa quanto do objecto de observação. E a lista pode, na continuidade das sondagens, vir a descobrir-se ainda mais vasta.

Aceite como fonte, cada um destes testemunhos poderá ser lido no cruzamento de múltiplas preocupações historiográficas. A primeira será a de identificar as ideias, sobre o saber e sobre a cultura, que o autor comunga com o seu tempo e no seu espaço – porque é nesse território, material e simbólico, que se revelam as representações do museu. Estes textos são, antes de mais, produtos da cultura de origem dos viajantes, espelhos de uma época e fonte preciosa de informações. De um certo ponto de vista, um diário de viagem adquire um carácter autobiográfico parcial já que permite revelar (quase sempre inconscientemente) opiniões e juízos, preferências e propensões de carácter ideológico, cultural e moral.¹⁴ Há que ter bem presente nalgumas narrativas a falta de rigor e até a mentira, traço denunciado no séc. XVIII por viajantes mais escrupulosos:

On peut établir comme une règle générale que sur cent voyageurs, il y en a soixante qui mentent sans intérêt et comme par imbécillité; trente qui men-

umentar. Até mesmo
n a aventura enorme,
os aprisionar em listas
retanto, alimentado a
que considerava estes
e procedesse ao seu es-
ária.¹¹

es, ou simples referên-
ouve que aceitar a evi-
a várias mãos, um im-
¹² Testemunhos muito
s registos, quer na qua-
idade de obras impres-
e nove dezenas em dois
s, um dado cultural de
al, tanto de quem ob-
le, na continuidade das

s poderá ser lido no cru-
as. A primeira será a de
a, que o autor comunga
e território, material e
useu. Estes textos são,
s viajantes, espelhos de
m certo ponto de vista,
ráfico parcial já que per-
piniões e juízos, prefer-
e moral.¹⁴ Há que ter
r e até a mentira, traço
pulosos:

cent voyageurs, il y en a
nbécillité; trente qui men-

tent par intérêt, ou si l'on veut par malice; et enfin dix qui disent la vérité et qui sont des hommes... Dans cette foule importune de voyageurs qui se mêlent d'écrire, il s'en trouve peu qui méritent d'être lus; cela n'est pas étonnant, lorsqu'on réfléchit que ce sont ordinairement des marchands, des filibustiers, des armateurs, des aventuriers, des missionnaires, etc...; l'histoire naturelle, l'histoire politique, la géographie, la physique, la botanique sont pour la plupart d'entre eux comme les Terres Australes dont on entend toujours parler mais qu'on ne découvre jamais.¹⁵

Será razão suficiente para que alguns julguem ver em tantos dos livros escritos sobre as sociedades peninsulares uma verdadeira campanha negra: *um dos temas que me obceca: a guerra de propaganda movida contra as nações ibéricas pelas potências do Norte entre o século XVII e o século XX.¹⁶*

Por isso se deve invocar cada singular instituição museal e confrontar o que dela sabemos, ou julgamos saber, com as leituras estrangeiras que assim nos são propostas. De cada autor apurou-se a nacionalidade e a ocupação profissional. Se se julgasse útil desenhar o perfil do nosso viajante, dele se diria ser homem;¹⁷ quase sempre de língua inglesa ou, por vezes, francesa, ou castelhana; ocupado com as artes da guerra, da diplomacia, da erudição naturalista ou da escrita.¹⁸ Pode-se argumentar não caberem completamente nesta categoria algumas apreciações interessantes (Abildgaard, 1794; Link, 1798; Balbi, 1821-1822; Lichnowsky, 1842; Raczyński, 1843-1845; Dora Wordsworth, 1846). No entanto, é nela que devem ser incluídos a maioria dos testemunhos e, entre eles, as mais informadas e estimulantes avaliações da realidade museológica nacional (Bombelles, 1786-1788; Collins, 1796-1801; Neale, 1808; Tollenare, 1816; Kinsey, 1827; Kingston, 1845).

No essencial, estes testemunhos constituem um precioso *corpus* documental, ajudando a fixar, com maior nitidez, a ideia que temos vindo a construir dos nossos primeiros museus: integração dos jardins e dos edifícios na paisagem urbana, dimensão das áreas de exposição, propriedades físicas dos espécimes, métodos de classificação e de exibição, importância das coleções e sua função didáctica, discurso científico adoptado, compe-

tência e desempenho profissional dos responsáveis (Domingos Vandelli; Alexandre Rodrigues Ferreira; Félix de Avelar Brotero, Júlio Henriques), ligação entre funcionamento dos museus, situação política do país e opções ideológicas dos governantes, repercussão das invasões francesas e comparação com outras realizações europeias.

Épocas de Portugal museológico – de 1700 a 1900

O período histórico que nos impusemos tratar é longo. Tempo demasiado longo para poder ser lido e interpretado à luz de condicionantes históricas unívocas. De facto, as diversas correntes de pensamento que – do Barroco ao Romantismo e ao Post-romantismo, passando pelas Luzes – se sucederam no decorrer desta época da Museologia portuguesa, induziram as elites à aceitação de diferentes valores culturais, incluindo o gosto¹⁹ e as sensibilidades e, condicionaram igualmente as suas representações mentais e intelectuais.

Na abordagem do fenómeno privado do coleccionismo ao longo de setecentos julgamos mais rigoroso utilizar preferentemente o termo 'Gabinete' ao de 'Museu'. A diferenciação lexical mais não faz aqui do que traduzir a realidade que é de contrastante evolução semântica nas duas categorias museais. Isto é, num primeiro momento a documentação revela-nos um uso indiferenciado dos termos, tal como é sistematicamente praticado nos textos que se referem aos estabelecimentos régios da Ajuda. Noutros casos, pode até dar-se que 'Museu' corresponda ao *conteúdo* (como que identificado com 'Colecção') e 'Gabinete' se refira ao *contínente*, ao edifício que o alberga, como comumente aparece nos textos pombalinos relativos aos estabelecimentos universitários. Já para os finais do século, parece instalar-se a consciência de que a designação de 'Museu' se deve reservar para iniciativas que envolvam uma dimensão – e uma ambição – que superem a realidade mais chã do vulgar coleccionismo privado de amadores e eruditos. A palavra 'Museu' passa-se a associar um espaço de exibição fisicamente mais vasto, dotado de um quadro de

profissionais e assumindo obrigações permanentes para com o público. Donde, a opção mais apropriada pela designação 'Gabinete', que julgamos reflectir melhor a realidade de um coleccionismo de particulares que não cumpre, genericamente, o triplo alcance *público, permanente e profissional* das colecções suportadas pelo Real Erário ou – como nos casos excepcionais do padre mestre Mayne e do arcebispo Cenáculo – se libertam das contingências desagregadoras dos patrimónios familiares.

As concretizações práticas de cariz museológico, bem como a sua idealização teórica e projectual foram assumindo contornos formais e conceptuais diferenciados, de acordo com as ideias culturais predominantes. É certo que em alguns museus (como, aliás, em qualquer instituição cultural) se identificam características compósitas, porque neles vingou o ecletismo de gosto e de sensibilidade, ou porque à inovação e à moda se preferiram as rotinas. No entanto, e é isso que importa sublinhar, as tendências dominantes sempre são perceptíveis, seja na tipologia das colecções, seja na organização do discurso de exibição, seja sobretudo nos fins justificativos da sua existência.

Parece sintomático, em abono do que afirmamos, que os testemunhos dos viajantes estrangeiros sejam um espelho fiel desta realidade. Sensíveis quase sempre ao olhar da diferença, captam bem mutações por vezes imperceptíveis aos nacionais. Seguindo, então, estes olhares de alteridade desenha-se um percurso sumário da história que pretendemos apresentar.

Uma das marcas mais impressivas da leitura das referências museais, no período que se estende de inícios de setecentos à implantação do Liberalismo, é o dilatado lugar ocupado por Gabinetes e Jardins Botânicos, de iniciativa particular. Parece ser este um traço cultural que mergulha raízes no período dos Gabinetes de Curiosidades joaninos (*Gabinetes de: D. João V, Conde de Ericeira, Conde de Assumar, Duquesa de Cadaval, Marquês de Abrantes, Academia Real da História*).

O reinado de D. João V representou, no campo museológico, tal como nos domínios da cultura e da ciência, uma tentativa de acerto com o passo europeu. O monarca instituiu, em 1720, a Academia Real da História Por-

tuguesa e, no ano seguinte, através do *Alvará sobre a conservação de monumentos antigos*, atribuiu aos académicos e aos sócios correspondentes a missão de salvaguarda do património edificado e, sobretudo, a dos bens culturais móveis. Desta actividade resultaria a recolha de grande número de objectos arqueológicos em mármore e em vários metais, descobertos em escavações casuais em diversas partes do país. Com esses objectos formou-se, no edifício do Paço dos Duques de Bragança, aquilo que José Leite de Vasconcelos designou de "primeiro museu nacional de arqueologia". As iniciativas da Coroa e de eruditos, de aristocratas e de clérigos, de acordo com as características dominantes no coleccionismo barroco, dirigiram-se igualmente para as obras de arte em geral, para as pinturas em particular e, sobretudo, para a numismática e a medalhística. Também é possível documentar o interesse pela aquisição de espécimes da natureza, bem como a permanência da cultura da curiosidade, o acumular desordenado de objectos maravilhosos: as *naturalia* e as *mirabilia*. Muita desta experiência do coleccionismo antiquário e naturalista acabaria por perder-se, quase sem rasto, na voragem do Terramoto. Destes objectos armazenados em gabinetes de erudição curiosa e em galerias de arte pouco restou, além da sua memória arquivística, devido à completa devastação ocorrida em 1755 do Paço Real da Ribeira e do Paço dos Duques de Bragança, ao Chiado, bem como de inúmeros palácios e conventos de Lisboa, entre os quais deve ser destacado o Palácio da Anunciada, propriedade de D. Francisco Xavier de Menezes, 4.º Conde da Ericeira.

Depois, desde o dobrar do século das Luzes até à legislação liberal de oitocentos, os viajantes confirmam-nos a longa permanência deste gosto privado de elites que entre si se frequentam e que entreabrem portas a selectos estrangeiros. Tão seleccionados que nem sempre os autores nos transmitem impressões pessoais, citando/copiando em segunda mão, ou confiando apenas na informação do *Almanach de Lisboa (1787-1823)*. No entanto, a condição social do viajante, e muitas vezes o próprio facto de ser estrangeiro, facilitava o acesso pessoal a este universo reservado do coleccionismo enciclopedista:

a conservação de monu-
cíos correspondentes a
, sobretudo, a dos bens
olha de grande número
ios metais, descobertos
ís. Com esses objectos
agança, aquilo que José
u nacional de arqueolo-
ocratas e de clérigos, de
coleccionismo barroco,
i geral, para as pinturas
e a medalhística. Tam-
ição de espécimes da
a curiosidade, o acumu-
aturalia e as mirabilia.
ário e naturalista acaba-
o Terramoto. Destes ob-
uriosa e em galerias de
tica, devido à completa
beira e do Paço dos Du-
ros palácios e conventos
ácio da Anunciada, pro-
onde da Ericeira.
é à legislação liberal de
ermanência deste gosto
ue entreabrem portas a
i sempre os autores nos
do em segunda mão, ou
e Lisboa (1787-1823). No
vezes o próprio facto de
niverso reservado do co-

*Se o visitante tinha algum mérito – e o facto de ser estrangeiro já o era indis-
cutivelmente nessa época – ser-lhe-iam feitas as honras da casa. Poderia
penetrar nas salas das curiosidades, onde cada coleccionador guardava as
suas peças mais queridas. Eram às vezes amplos salões cheirando a bafio e
a cânfora, onde se alinhavam animais embalsamados, quadros de caçadas
famosas, no meio de ninhos roídos pelos vermes e os armeiros com espin-
gardas ou santas relíquias, ou então colecções de travessas e terrinas, objec-
tos chineses ou indianos, de marfim e de âmbar. Se os crucifixos, as conchas,
as miniaturas de barcos, as caixas de esmalte e ouro tinham os seus peritos
apreciadores, a moda ia sobretudo para os relógios.²⁰*

Os testemunhos directos adquirem, por isso, uma credibilidade própria, contribuindo para um conhecimento mais rigoroso de algumas realizações museais: Gabinetes de História Natural e Jardins Botânicos de Gerad Devisme e do Marquês de Angeja; Gabinete de medalhas dos padres teatinos; Museu de Frei Manuel do Cenáculo, em Beja e em Évora.

Com o modelo pombalino de Ilustração, entendido à luz da teoria política do Absolutismo Esclarecido, ganham vigor as iniciativas estatais: os Museus de História Natural e Jardins Botânicos da Ajuda e os da Universidade de Coimbra. A educação filosófica do Príncipe e a reforma da Universidade explicam a urgência do ensino e difusão das ciências físicas e naturais. A observação directa dos seres e dos objectos e o experimentalismo como metodologia educativa impõem a construção de equipamentos museológicos, tomando nova dimensão o próprio conceito de museu. Alargam-se os públicos e abrem-se portas num dia fixo da semana; sofisticam-se os equipamentos – Livraria, Casa do Risco, Laboratório, Salas de Preparação, Armazém; contratam-se especialistas estrangeiros e funcionários permanentes; organizam-se expedições científicas aos territórios continental e ultramarino e envolve-se a nossa diplomacia na rede internacional de aquisições. Durante mais de um século serão estes, naturalmente, os espaços museológicos preferidos pelos viajantes; a sua descrição e avaliação obrigá-los-á a apurar sensibilidade crítica, a revelar conhecimentos científicos, a comparar realidades nacionais.

Já com a sociedade liberal, factores históricos (implantação do constitucionalismo, extinção dos conventos e nacionalização dos bens da Igreja) e a adopção de novos valores culturais (valorização da história nacional, gosto romântico, conceito de monumento histórico-artístico) parecem conjugar-se na emergência das novas realizações museológicas percorridas pelo viajante. Por isso, os testemunhos recolhidos nesta época – virada uma página da História nacional – introduzem-nos, também neste domínio, um mundo novo. O próprio elenco das referências, sem julgar ainda da importância relativa das apreciações produzidas, sugere mudanças na natureza das colecções. Isto é, de par com os objectos da história natural e dos artefactos etnográficos – ancorados nos Museus da Ajuda, da Universidade, da Academia das Ciências e, mais tarde, na Escola Politécnica de Lisboa (1858) – insinua-se agora, com autonomia museal, o objecto artístico e o arqueológico. Em rigor, ele sempre lá estivera; algumas visitas a gabinetes e museus do período precedente denunciam a sua presença. Mas – exceptuando talvez as iniciativas eclesiásticas dos monges de Tibães e do arcebispo Cenáculo – desempenhariam pouco mais que função decorativa, ajudando a criar cenários, sem constituírem em si mesmo uma colecção. Nem sequer o caso do Museu Allen, no Porto,²¹ pode ser apontado como excepcional porque, sendo justamente considerado o seu fundador um esclarecido coleccionador de pintura – tal como o avaliou Raczyński em 1844, *Lisbonne ne possède pas de collection particulière qui puisse être comparée à celle de M. Allen, négociant anglais. Les tableaux sont répartis avec ordre et avec goût dans plusieurs grandes salles* –²² o objecto artístico não ocupava verdadeiramente um lugar central na narrativa do Museu, como se depreende da descrição, no ano seguinte, de um viajante inglês: *In it is a cabinet of natural history, a fine collection of medals, as also one of shells, numerous prints, paintings, and books; besides many other interesting objects.*²³

O período da monarquia constitucional – cujas balizas cronológicas correspondem à criação do Museu Portuense (1833) e à do Museu dos Coches (1905) – conheceu um florescente movimento de abertura de instituições museológicas por todo o país, rompendo-se com a acentuada ma-

(implantação do consti-
lização dos bens da Igre-
zação da história nacio-
nto histórico-artístico)
realizações museológicas
os recolhidos nesta épo-
troduzem-nos, também
ico das referências, sem
ções produzidas, sugere
par com os objectos da
ncorados nos Museus da
as e, mais tarde, na Esco-
a, com autonomia muse-
r, ele sempre lá estivera;
o precedente denunciam
ciativas eclesiásticas dos
desempenhariam pouco
ários, sem constituírem
so do Museu Allen, no
orque, sendo justamente
leccionador de pintura –
*ie ne possède pas de collec-
le M. Allen, négociant an-
nût dans plusieurs grandes*

ujas balizas cronológicas
(33) e à do Museu dos Co-
ento de abertura de insti-
o-se com a acentuada ma-

crocefalia das épocas anteriores, e evidenciando uma concepção de Museu enquanto centro de estudo, inventário e catalogação de colecções. As colecções artísticas assumiram um papel central nas preocupações museológicas de particulares (galerias de João Allen, Pedro Daupias,²⁴ Monteiro de Carvalho,²⁵ Alfredo Keil, do rei D. Luís), do Estado (Museu Real de Bellas Artes e Archeologia, às Janelas Verdes e Museu da Academia de Belas Artes do Porto, no Convento de S. António) e da Igreja (Museu de Arte Sacra, na Sé Nova de Coimbra). Também radica neste período a génese de três instituições da museologia aplicada às Ciências da Natureza: o Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa, o Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa e o Aquário Vasco da Gama. Outras importantes iniciativas museológicas de cariz artístico, histórico, arqueológico, etnográfico e científico, cuja influência se prolongou até aos nossos dias, ficaram a dever-se, entre outros, a Possidónio da Silva, a Martins Sarmento, a Santos Rocha, a Joaquim de Vasconcelos, a António Augusto Gonçalves, a Francisco Tavares Proença Júnior, à instituição militar com o Museu de Artilharia, aos Serviços Geológicos, à Sociedade de Geografia de Lisboa, e, sobretudo, à acção teórica e pedagógica de José Leite de Vasconcelos.

***Projecto de recuperação do espaço do Real Gabinete da Ajuda (1768-1836)
Os viajantes como fonte para a reconstituição cénica***

A mais antiga iniciativa museológica em território nacional mergulha as suas raízes no ano de 1768, quando o Rei D. José ordena que o naturalista italiano Domingos Vandelli, contratado em Pádua por Pombal quatro anos antes, inicie o desenho do *Jardim Botânico da Ajuda* e, com ele, a instalação do *Gabinete de História Natural*. As colecções de *naturalia* e *artificialia*, bem como o acervo do seu *Cartório* e *Livraria*, foram transferidos para a Academia Real das Ciências em 1836. Anos depois, no final de um atribulado e longo processo que contou com o empenho do próprio Rei D. Pedro V, a Escola Politécnica de Lisboa conseguiu incorporar, em 1858, os espécimes botânicos, zoológicos e geológicos para servirem de apoio didáctico aos

estudos de *História Natural*, muitos deles funestamente desaparecidos no incêndio ali ocorrido em Março de 1978.

Na Ajuda, o nosso antigo *Gabinete* ostenta ainda as marcas fortes da sua função setecentista: porta nobre de acesso pelo Jardim Botânico com bustos alusivos à *Historia Natural*, dois lanços de escada com painéis azulejares, vestígios de policromia mural, e frontão do portal vestibular com inscrição latina anunciando ao visitante o *theatro da natureza* que o aguardava nas duas salas de exibição: *Venite et videte opera domini. Quae posuit prodigia super terram.*²⁶

Lugares obrigatórios da visita *touristica*, os estabelecimentos *scientificos* do Paço Real foram objecto de apreciação demorada na pena de inumeráveis viajantes, presença impossível de encontrar noutra qualquer iniciativa museológica do seu tempo. Por isso, esses testemunhos constituem a mais inestimável fonte documental para nos guiar no percurso expositivo, na ordenação e colocação dos seus espécimes. E, contudo, fixar a disposição cénica das colecções no espaço exhibicional do *Real Gabinete de História Natural da Ajuda* – ao longo das suas quase sete décadas de existência – traduz-se num exercício de improvável rigor histórico. Antes do mais devido a uma característica intrínseca a esta tipologia museal, que vem a ser a frequente *alterabilidade* quer dos objectos expostos (retirados por razões de deterioração física ou por esbulho, como sucederá em 1803, 1804²⁷ e 1808) quer das relações sequenciais estabelecidas entre os objectos no interior das colecções, em caso de incorporação de novos espécimes. Esta especificidade museográfica – que condiciona fortemente o *discurso museal* adoptado (a *ordem* que subjaz à apresentação das colecções, as relações ente os objectos e o espaço, o modo de expor e de acondicionar as produções recolhidas) – tinha já sido luminosamente enunciada na *Encyclopédie*, ao dobrar do século, por Daubenton, 'guarda' e 'demonstrador' do *Cabinet du Roi*:

Tant qu'on augmente un cabinet d'histoire naturelle, ont n'y peut maintenir l'ordre qu'en déplaçant continuellement tout ce qui y est. Par exemple, lorsqu'on veut faire entrer dans une suite une espece qui y manque, si cette

mente desaparecidos no

la as marcas fortes da sua
ardim Botânico com bus-
ada com painéis azuleja-
ortol vestibular com ins-
natureza que o aguardava
omni. Quae posuit prodi-

estabelecimentos *scientifi-*
emorada na pena de inu-
contrar noutra qualquer
ses testemunhos consti-
ra nos guiar no percurso
spécimes. E, contudo, fi-
exibicional do *Real Gabi-*
ias quase sete décadas de
vel rigor histórico. Antes
a esta tipologia museal,
s objectos expostos (reti-
ulho, como sucederá em
ais estabelecidas entre os
ncorporação de novos es-
que condiciona fortemen-
az à apresentação das co-
o, o modo de expor e de
já sido luminosamente
por Daubenton, 'guarda'

relle, ont n'y peut mainte-
it ce qui y est. Par exemple,
spece qui y manque, si cette

*espece appartient au premier genre, il faut que toute le reste de la suite soit déplacé, pour que tout le reste de la suite soit déplacé, pour que la nouvelle espece soit mise en son lieu.*²⁸

Durante a longa gestão de Domingos Vandelli (1768-1810) serão escassas (para não dizer inexistentes) as referências à temática da exibição museal na Ajuda, e os próprios testemunhos de viajantes estrangeiros registam apenas apreciações genéricas sobre a quantidade, variedade e disposição dos objectos, merecendo especial referência dois dos autores de maior crédito documental, o académico espanhol José Cornide y Saavedra e o botânico alemão Heinrich-Friedrich Link. O primeiro salienta a correcta conservação e exposição dos objectos de acordo com a Sistemática natural cumprindo-se assim, na Ajuda, o objectivo didáctico de instrução dos amadores, apesar de dispor de um espaço mais reduzido do que o do Gabinete madrileno:²⁹

*Sea el primero de estos gabinetes el que la Corte há establecido para beneficio del público en el sitio de la Ajuda y contiguo al Jardín Botánico, que, aunque no tan extenso como el de Madrid, es suficiente para la instrucción metódica de los aficionados, pues se halla arreglado sistemáticamente, bien conservados los artículos de pelo y pluma, y abunda en los del reino mineral, entre los que sobresale un trozo de cobre nativo hallado en el Brasil que pesa más de 100 arrobas castellanas, varios diamantes, topacios y aguas marinas de aquel país, y una colección de mármoles de Portugal que contiene más de 80 variedades.*³⁰

*He visto en estos días el Gavinete de Historia natural (...). El Gavinete es pequeño pero arreglado systemáticamente y tiene cosas muy preciosas, especialmente en aves, y conchas.*³¹

Link, mais exigente na avaliação das nossas unidades museológicas, apontava criticamente a pequenez do espaço, a lamentável ausência de importantes produções naturais brasileiras e, sobretudo, o facto de nenhuma das categorias taxonómicas se apresentar totalmente representada. Con-

cedia, contudo, que o *Gabinete* régio exhibia objectos suficientemente interessantes para merecer uma visita:

*O Real Gabinete de História Natural na Ajuda merece, no entanto, ser visto. Talvez não possa ser comparado com o parisiense ou mesmo com o Gabinete de Madrid, é pequeno, não há uma única secção bem guarnecida, vêem-se menos coisas brasileiras do que seria de esperar, mas encontram-se algumas peças dignas de nota. [...] Um laboratório químico insignificante encontra-se no mesmo edificio e imediatamente a seguir o jardim botânico.*³²

Paradoxalmente, os testemunhos mais circunstanciados datam do período posterior à primeira invasão napoleónica. Seremos portanto guiados, nesta visita aos espaços que ao olhar dos curiosos se deixavam mostrar, pela mão de alguns estrangeiros que os percorreram demoradamente depois da presença de Geoffroy Saint-Hilaire. Apesar da intervenção do comissário do *Muséum* parisiense ter depredado as colecções de maior valia científica, é provável no entanto que o difícil esforço de reconstituição levado a cabo pela direcção de Brotero (1811-1828), preocupado com o que ali fora encontrar em 1811 – *uma vasta desordem de bellas cousas* –³³ tenha procurado manter a anterior lógica de exposição.

Entre-se, então, pela porta que lhe dá acesso pelo interior do Jardim Botânico, a oeste do tabuleiro inferior; desça-se por um dos lanços laterais da pequena escada, passe-se o espaço vestibular e penetre-se no primeiro compartimento do *Gabinete*.³⁴ Aqui era o local destinado aos objectos do *reino mineral*. Saint-Hilaire, nos seus relatórios aos colegas professores-administradores, tinha-o classificado de *salle considérable* mas, como esta não era a sua área de especialização, pouco acrescenta sobre o acervo exposto. Dirigindo-se, aliás, ao renomado mineralogista, R. Hauy, pede-lhe desculpa por *n'avoir rien à lui en dire pour aujourd'huy, mais soit ignorance sur ce sujet, soit trop grand entrainement sur les objects qui sont plus directement ceux de mès études, j'ai passé légèrement sur la minéralogie; tout ce que j'en aperçu, c'est que les échantillons sont tous très petits*.³⁵

tos suficientemente inte-

la merece, no entanto, ser parisiense ou mesmo com o inica secção bem guarnecida seria de esperar, mas ...] Um laboratório químico e imediatamente a seguir o

anciados datam do período eremos portanto guiados, osos se deixavam mostrar, eram demoradamente des- sar da intervenção do co- s colecções de maior valia forço de reconstituição le- 3), preocupado com o que *de bellas cousas* –³³ tenha

so pelo interior do Jardim por um dos lanços laterais r e penetre-se no primeiro destinado aos objectos do s aos colegas professores- *insidérable* mas, como esta escenta sobre o acervo ex- logista, R. Haüy, pede-lhe *ard'huy, mais soit ignorance objects qui sont plus directer la minéralogie; tout ce que ès petits*.³⁵

O geógrafo-estatista florentino, Attilio Zuccagni Orlandini,³⁶ vê-la-á como uma sala não muito vasta, com a configuração de um quadrado regular, cada uma das quatro paredes dispo de uma porta. Segundo a sua descrição, em cada ângulo do compartimento, entre uma porta e a seguinte, distribuem-se quatro armários de mogno envidraçados – formando um total de dezasseis – contendo toda a colecção. Em verdade, não a considera preciosa pela quantidade mas sim pelo valor dos objectos, sobretudo de alguns dos fragmentos nobres das minas de metais³⁷.

Seguindo o itinerário proposto, fica-se também com uma ideia precisa da classificação e da nomenclatura adoptadas em cada um dos armários:

*Il primo scaffale del primo angolo alla sinistra di chi entra nella sala mineralogica contiene le argille, le breccie, le ocre, e le arene; il secondo è destinato alla multiplice varietà dei marmii; nel terzo sono distribuite le stallattiti; e nel quarto lo spato, il gesso ed il fluoro. Le sostanze quarzose occupano il primo scaffale dell'altro angolo, le selciose il secondo, le zeoliti i basalti la magnesia lo schisto il terzo, ed i sassi il quarto. Succedono i sali, gli zolfi, e le piriti che occupano il primo scaffale del terzo angolo, e gli altri quattro che vengono appresso sono destinati ai metalli i quali conservano tuttora i nomi delle antiche divinità, cosicchè l'argento, l'oro, lo stagno, il piombo, il rame ed il ferro, portano i corrispondenti nomi di sole, luna, giove, saturno, venere, marte etc. Restano finalmente le concrezioni e le lave, ed in ultimo le petrificazioni con la classazione di Linneo.*³⁸

Em cima de duas mesas, dispostas em dois dos lados da sala, expunha-se uma colecção de cinquenta amostras de mármore portugueses, alguns considerados de rara beleza.³⁹ Por cima dos armários encontravam-se afixados às paredes, lateralmente, seis enormes crocodilos do Brasil (o *Lacerta alligator* de Lineu), o maior dos quais ostentava um comprimento não inferior a dez braços. Também ali se via uma morsa (*Trichechus manatus* Lin.) e, sobre a porta de ingresso, uma tartaruga gigante (*Testuggine coriacea*) com quatro braços de comprimento, capturada na costa de Peniche. E, finalmente, centrava a nossa atenção num grande pedaço de cobre – um

quadrado irregular com a altura de um braço e meio e a largura de um braço, extraído de uma mina brasileira, perto da vila de Caxoeira, na prefeitura da Baía – exposto no meio da sala, em cima de um pedestal.⁴⁰ Passando ao compartimento seguinte para se apreciar os espécimes animais e vegetais, distribuídos segundo o método lineano, o nosso guia de ocasião justifica-se por a não descrever com igual pormenor, considerando-a menos necessitada de alterações na disposição e nas classificações do que a sala mineralógica. É que – explicava – as grandes mudanças e os progressos gigantescos verificadas na geognosia, naqueles últimos anos, não tinham tido paralelo na ciência zoológica e, além do mais, o Museu da Ajuda *è assai scarso d'insetti, di quella classe cioè che ha subite le maggiore variazione*.⁴¹

Também o testemunho de Geoffroy Saint-Hilaire não nos é de muita utilidade para a reconstituição das colecções dos *reinos orgânicos* expostas no segundo compartimento, definitivamente fascinado com o inesgotável acervo dos armazéns de reserva que – como lhe explicara Vandelli – *le défaut d'espace et de préparation était cause qu'on ne les produisait pas au public*.⁴² As apreciações do zoólogo francês sobre os produtos exibidos apresentam, todavia, um não negligenciável interesse para a nossa visita, tanto mais que a sua opinião é certamente – entre todas as que recolhemos de viajantes estrangeiros – a mais cientificamente abalizada, além de produzida em contexto de obrigatória proficiência profissional, tanto pelo tempo e pelos meios de que dispôs, como pelo próprio objectivo da missão. Por ele ficamos a saber que:

La moitié de la collection est composée d'animaux brésiliens, et toute cette moitié vous manque. La principale richesse des collections (...) se forme de mammifères, d'oiseaux et d'insectes. Ce qu'il y a surtout de satisfaisant, c'est que tous ces animaux sont d'une conservation parfaite.⁴³

Outros, pelo contrário, foram menos avaros em pormenores. Não são em geral testemunhos de *connaisseurs* mas, antes, impressões gravadas na memória pelo exotismo e beleza das espécies, ou até por desacordo com as soluções cénicas. É o caso, por exemplo, da avaliação produzida pelo ilustre

neio e a largura de um braço de Caxoeira, na prefeitura e um pedestal.⁴⁰ Passando espécimes animais e vegetais, o nosso guia de ocasião menor, considerando as mesmas classificações do que as mudanças e os progressos últimos anos, não tinham mais, o Museu da Ajuda é *assai e maggiore variazione*.⁴¹ Filaire não nos é de muita importância, os reinos orgânicos expostos são fascinados com o inesgotável e explicara Vandelli – *le dé-n ne les produisait pas au-dé-là de nos produits* sobre os produtos exibidos com interesse para a nossa visita, entre todas as que recolhidas, especialmente abalizada, além de uma ciência profissional, tanto pelo próprio objectivo da mis-

*aux brésiliens, et toute cette collection (...) se forme de y a surtout de satisfaisant, et d'attention parfaite.*⁴³

1 pormenores. Não são em impressões gravadas na metade por desacordo com as impressões produzidas pelo ilustre

lusitanista Robert Southey quando ali esteve em 1808, durante a segunda estada em Portugal: *Brazil has supplied the Museum with the richest collection of birds I ever saw. The collection, if well disposed, would make a much more respectable appearance.*⁴⁴ O médico militar Adam Neale, foi tocado pela raridade de certas espécies e pela imponência dos quadrúpedes africanos, bem como pelas técnicas de conservação e acondicionamento:

*The specimens deposited in the Museum are not numerous; but several are very curious, one indeed altogether unique. Among the specimens from the animal kingdom, I remarked a fine hippopotamus, a rhinoceros, and some other rare quadrupeds well preserved. Most of the articles are placed in mahogany glazed cases, and are all arranged according to the Linnaen system.*⁴⁵

Para outro oficial, Peter Hawker, a enumeração de alguns animais exibidos na segunda sala serve-lhe sobretudo de pretexto para destacar o papel desempenhado pelos militares ingleses na protecção das riquezas do Museu durante as invasões, *beasts, birds, insects, and fishes, in high preservation, with a beautiful collection of shells* (Soon after, all these things were packed up, to be sent to the Brazils; it being thought that the British were about to evacuate the country).⁴⁶

É ainda um militar britânico – o tenente-general Henry-Thomas Cockburn, por aqui estanciando em demorado *tour* mediterrânico – a deixar uma apreciação positiva da disposição das colecções. O seu testemunho é igualmente muito curioso porque regista uma história, narrada pelo guarda do Museu, sobre o destino de parte do acervo durante as invasões francesas. Algumas das produções mais valiosas, embarcadas para o Brasil e novamente de regresso a Lisboa, estariam nessa data – 1811 – prestes a serem recebidas na Ajuda. Cockburn interrogava-se então, com algum humor, sobre a veracidade do episódio atendendo à mesquinhez do espaço ali disponível:

Adjoining is a museum, for its size, extremely well arranged; (...) The collection of butterflies is far the best preserved and most perfect, that I have

*seen; many of them very large, and as beautiful as can be conceived; they all came from the Brazils; the birds are also fine. The guardian told me the royal family carried away the best part of the museum, and took it back to the Brazils, lest it might be sent to Paris. He also stated that as Portugal was now safe, the articles were returned again from South America, and actually in cases at the customhouse, and would be restored in ten days to their former places. If this were true – query, are they not too sanguine? But I could not discover any vacancy of consequence in this museum; so if the guardian's story be correct, I know not where the articles in question were, or will be placed.*⁴⁷

Em 1816, no mesmo ano em que o *estadista* Zuccagni Orlandini visitava Lisboa, desembarcava no Porto um homem de negócios proveniente de Nantes, economista de formação, de nome Louis-François de Tollenare e que a si próprio impunha a disciplina de relatar, aos Domingos, os acontecimentos mais assinaláveis de cada semana da viagem comercial que empreendia rumo ao Brasil.⁴⁸ Na apresentação do longo manuscrito⁴⁹ – que se manteve inédito durante mais de século e meio – o lusófilo Léon Bourdon sublinha com justiça as qualidades intelectuais do narrador (forjadas no meio parisiense dos *Idéologues*),⁵⁰ como as que revela na ilimitada curiosidade e no esforço de compreensão e de aceitação dos homens e das sociedades que visitava pela primeira vez, visível no facto de se ter familiarizado, em pouco tempo, com os rudimentos da língua portuguesa.⁵¹ Ora, isso mesmo se comprova nas extensas referências *dominicales* aos museus e jardins botânicos de Coimbra e da Ajuda,⁵² evidenciando incomuns conhecimentos sobre a *árvore dos saberes* que o conduzem, mais do que a descrever, a reflectir sobre pertinentes questões de ordem teórica relativas à formação do campo disciplinar da *Philosophia Natural* e ao papel educativo dos seus museus (questões *epistemológicas* e *museológicas*, poderíamos hoje assim designá-las com propriedade):⁵³

L'histoire naturelle se divise en deux branches bien distinctes: celle de la nomenclature ou de la classification dans laquelle seulement les naturalistes

las can be conceived; they all the guardian told me the roy-seum, and took it back to the stated that as Portugal was m South America, and actu-restored in ten days to their hey not too sanguine? But I ce in this museum; so if the he articles in question were,

uccagni Orlandini visitava e negócios proveniente de iis-François de Tollenare e , aos Domingos, os aconte-viagem comercial que em- longo manuscrito⁴⁹ – que eio – o lusófilo Léon Bour-tuais do narrador (forjadas s que revela na ilimitada ceitação dos homens e das l no facto de se ter familia- a língua portuguesa.⁵¹ Ora, ías dominicales aos museus videnciando incomuns co-conduzem, mais do que a es de ordem teórica relati-hia Natural e ao papel edu- as e museológicas, poderia-

nien distinctes: celle de la no- le seulement les naturalistes

se font des réputations comme savants, réputation que le vulgaire estime peu parce qu'il n'y voit qu'une science de mots, et celle des applications, à laquelle ces mêmes savants attachent moins d'importance parce qu'il n'y a peut-être pas la centième partie des individus ou substances étudiés par le naturaliste qui ait une application qui nous soit immédiatement utile. (...) Les expositions publiques des cabinets d'histoire naturelle (...) dans l'état actuel, elles ne sont que des objets d'oiseuse curiosité qui ne laissent dans l'esprit des trois quarts des personnes qui les visitent que de la confusion, et de l'humeur contre les noms baroques inscrits sur les étiquettes.⁵⁴

Mas, apesar deste distanciamento crítico face ao hermetismo do aparato didascálico adoptado na época pela generalidade dos gabinetes de história natural,⁵⁵ Tollenare cumpre com gosto de genuíno *connaisseur* uma visita ao Museu e Jardim Botânico da Ajuda munido de carta de recomendação (trazida de Coimbra) para o Director, Félix de Avelar Brotero.⁵⁶ Onde Orlandini se quedara na descrição circunstanciada, isto é, no segundo compartimento contendo as riquezas da *fauna* e da *flora*, o viajante francês demora-se na visita. E destaca, de entre todas, as espécies ictiológicas e os crustáceos; considera pequeno o número dos quadrúpedes; na classe dos insectos apenas lhe merece referência o belo escaravelho (*Scaraboeus hercules*) do Brasil; na classe dos répteis realça as belas peles de serpentes, os sapos e as rãs disformes e, sobretudo, os diversos camaleões (dos quais em Paris existia apenas um modelo em cera) e os dragões da Índia (*Draco lineatus*). O comerciante de Nantes terminava este relatório museológico da segunda sala do Museu de História Natural da Ajuda com breves incursões em dois temas caros ao coleccionismo setecentista: as *conchas* e os *fetos monstruosos*. No caso da malacologia estimava a colecção régia ali depositada, naquele ano de 1816, não especialmente diferente das de qualquer outro gabinete particular: *Tout nombreux que soient les coquillages, ils ne forment pas un ensemble plus considérable que celui de collections particulières que j'ai vues dans vingt endroits différents. Je m'y connais trop peu pour apprécier leur qualité.*⁵⁷ Por fim, ficamos também inteirados de que ali se mantinha em exposição um armário totalmente dedicado às anomalias da

Natureza. Ora, é sabido que o Director italiano valorizava no seu coleccionismo inicial a exibição de *monstros*, documentados nas colecções transferidas para Coimbra logo nos anos setenta.⁵⁸ Esta tendência – prisioneira ainda da afeição cénica pelo *maravilhoso*, tão característica das colecções de *naturalia et mirabilia* –⁵⁹ não pode ser desligada, por outro lado, da sua formação médica em Pádua nos longínquos anos cinquenta. Em 1776, publicará mesmo em Coimbra um pequeno texto intitulado *Dissertatio de Monstris* descrevendo um par de gémeos humanos ligados pelo peito e chamando a atenção para a importância de se exibirem estes casos *anómalos* nos museus.

No entanto, do ponto de vista museológico, a exibição de *degenerescências* foi sendo progressivamente abandonada, acompanhando uma concepção científica menos sensível às extravagâncias e mais preocupada com a busca da normalidade, regulada pelas leis da Natureza. E será justamente desta nova visão que Tollenare se mostrará credor, demarcando-se da opção doutrinal setecentista subjacente à exibição pública de um tal armário:

*Une armoire est consacrée aux produits de ces générations extraordinaires que l'on appelle si improprement contre nature, comme s'il était vraisemblable que la nature renverse ses lois pour les produire. Nous ne connaissons pas ces lois, et voilà tout. Après les foetus monstrueux, les veaux à deux têtes, les poulets à quatre pattes que l'on voit partout, j'ai remarqué des poissons à deux têtes, ce qui est rare à voir sans être plus étonnant que les autres anomalies naturelles.*⁶⁰

O papel que o *Gabinete da Ajuda* representou na história das ciências da natureza em Portugal foi sendo exaltado, ao longo dos séculos XIX e XX, por diversos professores e naturalistas que apelaram ao estudo histórico do seu desempenho científico:

Museu de historia natural de Lisboa, instituto que entre muitos e os mais celebres do paiz tem uma vida e merece uma biographia, quando mais não

valorizava no seu colecção-
tados nas colecções transfe-
esta tendência – prisioneira
característica das colecções
gada, por outro lado, da sua
os cinquenta. Em 1776, pu-
to intitulado *Dissertatio de*
manos ligados pelo peito e
exibirem estes casos *anónima-*

co, a exibição de *degeneres-*
nada, acompanhando uma
vagâncias e mais preocupa-
las leis da Natureza. E será
care se mostrará credor,
ista subjacente à exibição

s générations extraordinaires
re, comme s'il était vraisem-
roduire. Nous ne connessons
onstrueux, les veaux à deux
it partout, j'ai remarqué des
ns être plus étonnant que les

na história das ciências da
ongo dos séculos XIX e XX,
elaram ao estudo histórico

o que entre muitos e os mais
iographia, quando mais não

*fôra, pelas vidas que n'elle em parte tem sido consumidas com proveito e gloria da nação, desde o final do seculo passado.*⁶¹

*Gabinete do Jardim Botânico da Ajuda, cuja importante e interessante história, e alta influência civilizadora está ainda por escrever.*⁶²

Este desígnio memorialista, biográfico e historiográfico encontra-se hoje, no essencial, cumprido. Mas a recuperação patrimonial e museológica de espaços e ambientes, das suas quase sete décadas de vida, permanece um projecto de incerta realização. E, todavia, da leitura das páginas mais inspiradas escritas por estrangeiros sobre o nosso património artístico e científico seria possível, apoiada pelas virtualidades inesgotáveis das novas tecnologias, redesenhar os cenários de algumas das colecções e dos museus da nossa primeira modernidade.

1 Cit. in Attlio BRILLI, *Quando viaggiare era un' arte. Il romanzo del Grand Tour*, Bologna, Il Mulino, 1995, p. 9.

2 Bernardo SOARES, *O Livro do Desassossego*, Lisboa, 1982, vol. 2, p. 133.

3 Cf. Maurizio FABBRI, «Literatura de viajes» in Francisco Aguilar PIÑAL (ed.), *Historia literaria de España en el siglo XVIII*, Madrid, Editorial Trotta/CSIC, s/d, p. 408.

4 O primeiro estudo que dedicámos a esta matéria foi publicado em *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 3, 1998, pp. 153-164, com o título «Colecções, gabinetes, jardins botânicos e museus em Portugal: o testemunho dos viajantes estrangeiros». Veja-se ainda: *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no séc. XVIII*, FCG/FCT, 2003 e *Coleccionismo no séc. XVIII – textos e documentos*, Porto Editora, 2009.

5 Vejam-se, entre vários dos seus textos críticos a livros de viajantes estrangeiros, os que alimentaram a polémica ocasionada pela publicação dos dois volumes de Maria Lettizia RATTAZZI, *Portugal de relance*, Lisboa, Livraria Zeferino, 1881. (tradução da edição francesa intitulada: *Portugal a vol d'oiseau – portugais et portugaises*, Paris, 1878).

6 Oliveira Martins, na sua *História de Portugal* (1879), utilizou como fontes alguns relatos de viajantes que considerava *obras preciosas, memórias reveladoras sem o uso das quais se não conhece o século XVIII português*, nomeadamente as *Recordações, de Rutton*, as *Cartas de Beckford*, as *viagens de Link, de Murphy, de Chatelet*. Acrescentou a esta lista, nas «Notas sobre a historiografia em Portugal», como nota da 4.ª edição, *algumas obras estrangeiras que podem e devem auxiliar o estudo da história pátria: [...] o Portugal Pittoresco, em francês e português de E. Denis [...] e as Noticias Archeologicas de Hubner, traduzidas também, do alemão em vulgar, por Soromenho*. Cf. Oliveira MARTINS, *História de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988, pp. 324, 328. Edição crítica com introdução por

- Isabel de Faria e Albuquerque, prefácio por Martim de Albuquerque.
- 7 Manuel Bernardes Branco foi autor da obra, volumosa mas nem sempre rigorosa, intitulada *Portugal e os estrangeiros. Obra dividida em quatro partes contendo os seguintes assumptos: I Dicionario dos escriptores estrangeiros, que escreveram obras consagradas a Portugal ou a assumptos portuguezes, com a tradução dos trechos mais notáveis d'essas obras; II Dicionario das obras portuguezas vertidas em linguas estrangeiras; III noticia dos portuguezes que no estrangeiro se distinguiram nas letras, e resenha das obras portuguezas reimpressas nos paizes estrangeiros; IV Noticia das recordações e monumentos existentes em diversas partes do mundo, construidos por portuguezes, ou erigidos em honra d'elles*, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, Imprensa Nacional, 1879-95, 5 vols.
- 8 Maria Amália Vaz de CARVALHO, «Portugal visto pelos estrangeiros» in *Em Portugal e no Estrangeiro: ensaios criticos*, Lisboa, Parc. António Maria Pereira, 1899, pp. III-151.
- 9 Castelo Branco Chaves traduziu e anotou vários livros de viajantes estrangeiros, alguns publicados pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e deixou uma visão de conjunto em *Os livros de viagem em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.
- 10 R. FOULGHE-DELBOSC, *Bibliographie des voyages en Espagne et en Portugal*, Paris, H. Welter, 1896. Arturo FARINELLI, *Viajes por Espana y Portugal desde la Edad Media hasta el siglo XX*, Roma, Reale Academia d'Italia, 1942-1944, 3 vols. Rose MACAULAY, *They went to Portugal*, Penguin Books, 1985; Rose MACAULAY, *They went to Portugal too*, Manchester, Carcanet Press Limited 1990.
- 11 Maurizio FABBRI, «Literatura de viajes» in Piñal, *Historia literaria de España...*, op.cit., p. 408.
- 12 Incluímos uma referência ao primeiro museu criado em solo brasileiro, no ocaso do período colonial, em 1818. Apesar de publicado em 1846, o texto remete para o tempo histórico da sua fundação e das suas primeiras colecções e colectores (Cf. Ferdinand DENIS, *L'univers. Histoire et description de tous les peuples. Brésil*, Paris, Firmin Didot Frères, 1846; e Maria Margaret LOPES, *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, São Paulo, Editora Hucitec, 1997.
- 13 Apesar de nos termos deparado com referências museais em obras publicadas depois de 1900 (livros de viagem, ficção e artigos em periódicos) não nos dispusemos a alargar o nosso arco cronológico. Porque na verdade, o *Grande Tour* é um fenómeno tipicamente setecentista que, remontando à voga britânica do período isabelino de seiscentos e à formulação dos seus cânones por Francis Bacon, pode estender-se até ao final da primeira metade de oitocentos. Depois desta data, com a abertura de importantes troços ferroviários, com a publicação dos primeiros Baedeker e com a genial empresa de Thomas Cook, mudam radicalmente o sentido, a filosofia e a finalidade do viajar. Uma mudança registada em várias ocasiões, com nostalgia mista de rancor, por John Ruskin, do qual recordamos estas palavras proféticas: "Os homens não viram grande coisa do mundo andando lentamente, imagine-se se conseguirão ver mais andando depressa!" Cf. Attilio BRILLI, *Quando viaggiare era un'arte. Il romanzo del Grand Tour*, Bologna, Il Mulino, 1995, p. 9.
- 14 Cf. Fabbri, op. cit., p. 408-409.

Albuquerque.
mas nem sempre rigorosa, intitulada
's contendo os seguintes assumptos:
'obras consagradas a Portugal ou a
notáveis d'essas obras; II Dicionario
II noticia dos portuguezes que no
is portuguezas reimpressas nos paizes
distantes em diversas partes do mundo,
, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira,

estrangeiros» in *Em Portugal e no*
Pereira, 1899, pp. III-151.
s de viajantes estrangeiros, alguns
e deixou uma visão de conjunto em
rojecção europeia, Lisboa, Instituto

agne et en Portugal, Paris, H. Welter,
esde la Edad Media hasta el siglo XX,
MACAULAY, *They went to Portugal,*
rtugal too, Manchester, Carcanet

'a literaria de España..., op.cit., p. 408.
a solo brasileiro, no caso do
6, o texto remete para o tempo
s e colectores (Cf. Ferdinand DENIS,
, Paris, Firmin Didot Frères, 1846; e
tífica: os museus e as ciências naturais

s em obras publicadas depois de
ão nos dispusemos a alargar o
ur é um fenómeno tipicamente
lo isabelino de seiscentos e à
ntender-se até ao final da primeira
a de importantes troços ferroviários,
empresa de Thomas Cook, mudam
r. Uma mudança registada em várias
n, do qual recordamos estas palavras
do andando lentamente, imagine-se
RILLI, *Quando viaggiare era un'arte.*

- 15 Texto do holandês Paw, *Recherches sur les Américains*, 1770, t. III, p. 199, citado em Numa BROGA, «Voyages et géographie au XVIII^e siècle» in *Revue d'histoire des sciences et de leurs applications*, t. XXII, n.º 2, 1969, p. 144.
- 16 Paulo Varela GOMES, «Cartas de cá. Nós, os pretos» in *Público*, P2, 22 de Abril de 2009, p. 3.
- 17 Entre os viajantes do nosso repertório, encontram-se várias 'mulheres-escritoras' – também este um dos frutos do século das Luzes, que se prolongará pelo Romantismo (Janet Schaw, Laura Permon, Clarissa Trant, Bertha Grey, Marianne Baillie, Julia Pardoe, Dora Quillinam Wordsworth, Emmeline Stuart-Wortley, Catherine Charlotte Lady Jackson, Maria Lettizia Rattazzi, Jane Leck). No conjunto dos *voyageurs* europeus, elas inserem-se com notável agilidade num género literário relativamente novo e, em muitos casos, fornecem os melhores e mais inovadores testemunhos, revelando-se viajantes sábias e lúcidas, como Madame Dubocage, Lady Mary Wortley Montagu e Hester Lynch Prozzi. Cf. Brilli, *op. cit.*, pp. 24-25).
- 18 *Non è facile stabilire l'identità o almeno i caratteri generali del viaggiatori tipo. Sterne distingue con ironia alcune classi di viaggiatori: gli scioperati, i curiosi, i bugiardi, gli orgogliosi, gli ipocondriaci, i felloni, gli sciagurati gli innocenti, nonché i viaggiatori sentimentali... In questo mobile microcosmo e in particolare fra i giovani aristocratici, i figli degli 'squire' o degli opulenti borghese, da un lato, e i cortei dei più attempati aristocratici e dei fortunati mercanti, dall'altro, si colloca una schiera di viaggiatori più ricchi di idde che di borsa – scrittori, nobili decaduti, avventurieri – i quali non do rado viaggiano come accompagnatori e tutori di rampoli illustri.* Brilli, *op.cit.*, p. 24.
- 19 Poderíamos aqui adoptar, entre outras possíveis, a definição de Gosto proposta por Fabrizio Lollini: *Fenomeno sociale, definibile come la tendenza a identificare (e scegliere come migliore) un ideale stilistico o formale da parte di un certo periodo storico, o di una nazione, o di una classe sociale, o al limite di individuo singolo, ma pubblico. (...)* Ogni epoca storica, ogni contesto ha elaborato, più o meno esplicitamente un suo proprio gusto. Fabrizio LOLLINI, «Gusto» in *L'arte (critica e conservazione)*. Dizionario, Milão, Jaca Book, s/d., pp. 126-127).
- 20 Suzanne CHANTAL, *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, p. 144.
- 21 Cf. Paula Maria Mesquita Leite SANTOS, *Um colecionador do Porto romântico. João Allen (1781-1848)*, Lisboa, FCT/IPM, 2005.
- 22 *Les arts en Portugal. Lettres adressées a la Societé, Artistique et Scientifique de Berlin, et accompagnées de documents*, Paris, Jules Denouard, 1846, pp. 384-385.
- 23 William H. G. KINGSTON, *Lusitanian sketches of the pen and pencil*, Londres, John W. Parker, 1845, I.º vol., p. 314.
- 24 Colecionador com várias referências nos testemunhos de viajantes, a tentativa de reconstituição do acervo da sua pinacoteca ao Calvário representa ainda hoje objecto de interesse e de estudo, estendendo-se a investigação a França para onde o leilão conduziu a maior parte das suas telas. O memorialismo de personalidades portuguesas que com ele conviveram ajudam a 'compor' o retrato desta personalidade ímpar do nosso círculo de arte da segunda metade do século XIX, que viveu entre 1818 e 1900. Cf. Ramalho

- ORTIGÃO, «Visconde Daupias», 1880; Thomaz de Mello BREYNER, *Memórias do Professor... 4.º Conde de Mafra (1869-1883)*, s/l, s/e., 1930-1934.
- 25 António Augusto Carvalho Monteiro (1848-1920). Do destino de colecções dispersas após falência dos seus proprietários, caso que seria também o de Pedro Daupias, comentam os viajantes espanhóis Francisco e Hermenegildo Giner de los Ríos: *ejemplo frecuente siempre, no sólo hoy día, de grandes fortunas rápidamente acumuladas en los negocios, coronadas después por nobiliarios timbres, despilfarradas con mayor rapidez todavía, y alguna vez (no siempre) con buen gusto, y seguidas, por último, de una miseria más ó menos convenientemente soportada*. Cf. Francisco e Hermenegildo Giner DE LOS RÍOS, *Portugal - impresiones para servir de guía al viajero*, Madrid, Imprenta Popular, 1888, p. 128.
- 26 *Vinde, e vede as obras do Senhor, as maravilhas que pôs sobre a terra*. PSALMOS 45:9, Velho Testamento, *Bíblia Sagrada*, Lisboa, Deposito das Escripturas Sagradas, 1924, p. 516. Tradução do Padre António Pereira de Figueiredo, 1842.
- 27 Cf. *Relações Dos Productos naturaes que por Ordem Regia se remetterão deste Real Museu ao General Lasnes [sic], Embaixador da Republica Franceza nesta Corte*, Agosto de 1803 - Maio de 1804, Arquivo Histórico do Museu Bocage, Geoffroy de Saint-Hilaire, Div.- 16 a., n.º 22.
- 28 *Histoire naturelle, générale et particulière avec la description du cabinet du roi*, t. III, Paris, Imprimerie royale, 1749, pp. 1-12, Citado em D. DIDEROT, «Cabinet d'Histoire naturelle» in *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, 1751, t. II, pp. 489-492.
- 29 Um viajante português dirá, uns anos antes, do Gabinete madrileno que: *O Gabinete de História Natural de El Rey tem muita cousa lá mais preciosas que raras, em o mais está muito em principio*. Cf. *Carta de Diogo de Melo a Frei Manuel do Cenáculo*, 14 de Março de 1778, Biblioteca Pública de Évora, CXXVII/1-7, Carta 1371.
- 30 José CORNIDE Y SAAVEDRA, *Estado de Portugal en el Año de 1800*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1893, 2.º vol., p. 85.
- 31 *Idem*, «Cartas inéditas de Joseph Andrés Cornide y Saavedra a Joseph Lôpez de La Torre Ayllón y Gallo (1799)» in Fidelelino de FIGUEIREDO, *Viajantes espanhoes em Portugal. Textos do séc. XVIII*, Separata do Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, LXXXIV, São Paulo, 1947, pp. 31-105. [Carta de 26 de Janeiro de 1799].
- 32 Heinrich Freidrich LINK, *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005, pp. 139-140.
- 33 Félix de Avelar BROTERO, «Carta a D. Francisco de Lemos. 27 de Fevereiro de 1815» in *O Instituto. Revista científica e litteraria*, vol. XXXVII, 2.ª série, n.º 6, Dezembro de 1889, pp. 358-359. O próprio Vandelli dirá que: *Nesta geral separação das produções Naturais, e reposição das que se restituíram, ficou o Museu tão desordenado, que necessita reordenar-se e pôr as etiquetas, que se confundiram ou perderam*. Cf. *Carta de Domingos Vandelli ao Príncipe Regente D. João*, 17 de Setembro de 1808, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, Maço 279. Vide também *Notícia biographica do doutor Felix de Avellar Brotéro*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1847.
- 34 Cf. Manuel Sobral de Campos de Albuquerque de Azevedo COUTINHO, *O Jardim Botânico*

to BREYNER, *Memórias do Professor...*

destino de colecções dispersas após o de Pedro Daupias, comentam os de los Rios: *ejemplo frecuente de acumuladas en los negocios, y con mayor rapidez todavía, y último, de una miseria más ó menos* Giner DE LOS RIOS, *Portugal - Revista Popular*, 1888, p. 128.

obre a terra. PSALMOS 45:9, Velho pturas Sagradas, 1924, p. 516.

se remetterão deste Real Museu ao nesta Corte, Agosto de 1803 - Maio de Saint-Hilaire, Div.- 16 a., n.º 22. *Journal du cabinet du roi*, t. III, Paris, 1807, «Cabinet d'Histoire naturelle» *arts et des métiers*, 1751, t. II,

te madrilenho que: *O Gabinete de Ciências e Letras, em o mais está muito* Genáculo, 14 de Março de 1778,

de 1800, Madrid, Real Academia de

redra a Joseph López de La Torre antes espanhoes em Portugal. *Textos de Ciências e Letras*, LXXXIV, São Paulo, 1911.

il e através de França e Espanha,

os. 27 de Fevereiro de 1815) in *Revista*, 1.ª série, n.º 6, Dezembro de 1889, *Relatório das produções Naturais, e do Estado, que necessita reordenar-se e do Príncipe de Domingos Vandelli ao Príncipe de La Torre do Tombo, Ministério do doutor Felix de Avellar Brotério,*

do COUTINHO, *O Jardim Botânico*

da Ajuda. *História da sua evolução. Estado presente do jardim. Projecto de remodelação*, Relatório final do curso de engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista, Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1948, pp. 1-73. O exemplar dactilografado desta tese pode ser consultado na BISA (Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia), com a cota 17053. Não pode deixar-se de mencionar o facto de se tratar da primeira dissertação de licenciatura em arquitectura paisagista no nosso país. A orientação científica foi do Prof. Arquitecto Caldeira Cabral à época responsável pelo Jardim Botânico da Ajuda cujo material vegetal fora muito devastado por acção do ciclone de 1944.

- 35 Carta de Geoffroy Saint-Hilaire aos professores-administradores do Muséum (Lisboa, 19 de Maio de 1808), Citado em E.-T. HAMY, «La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents» in *Nouvelles Archives du Muséum National d'Histoire Naturelle*, 4.ª série, t. X, 1908, p. 44.
- 36 Orlandini viajara por Portugal em 1816. Era sobrinho de um correspondente de Vandelli, o médico e botânico Attilio Zuccagni, de quem herdou fortuna e nome. Cf. *Carta de Attilio Zuccagni a D. Vandelli*, Florença, Fevereiro de 1792, Arquivo Histórico do Museu Bocage (AHMB), CE/L -25 [Latim]. *Il suo vero nome era Giuseppe Orlandini, ma dallo zio materno, il medico e botanico Attilio Zuccagni, ereditò com le sostanze anche il nome. Compiuti a Pisa gli studi di medicina, viaggiò a lungo nei vari paesi d'Europa interessandosi largamente delle loro istituzioni culturali, assistenziali ed economiche*. Cf. *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, vol. 35, 1937, p. 1031.
- 37 Algumas décadas depois, um geólogo suíço que conhecia bem a realidade nacional afirmará que: *Au siècle dernier, la géologie faisait une triste figure dans les musées. Des minéraux et des fossiles, recueillis par les 'curieux de la nature' étaient généralement placés au-milieu des objets les plus divers. Le plus souvent, on les réunissait suivant leurs couleurs ou leurs formes, soit dans des boîtes vitrées, divisées et ornementées comme les reliquaires des églises, ou bien on incrustait les échantillons de taille moyenne dans des pyramides de bois dont la surface était ornementée par les petits échantillons et par des minéraux à éclat métallique, réduits en menus débris. Les anciennes collections de Lisbonne suivaient naturellement la mode de l'époque; j'ai retrouvé de ces reliquaires et ces pyramides dans les réduits de l'Académie des Sciences*. Cf. Paul CHOFFAT, «Esquisse de la marche de l'étude géologique du Portugal» in *Revista de Portugal*, vol. IV, 1892, pp. 635-636.
- 38 Attilio Zuccagni ORLANDINI, «Delle Scienze fisiche in Portogallo» in *Giornale di Scienze ed Arti di Firenze*, t. VI, n.º 16, Maio 1817, pp. 43-47.
- 39 Cf. Louis-François de TOLLENARE, *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, Paris, P.U.F., 1971, t. 1, pp. 184-186. Alguns anos antes, Cornide assegurava que os mármoreos atingiam as oito dezenas. Cf. José CORNIDE Y SAAVEDRA, *Estado de Portugal en el Año de 1800*, 1893, 2.º vol., p. 85.
- 40 Trata-se do famoso *cobre nativo* a que quase todos os viajantes fazem referência. Encontra-se ainda hoje no Museu Nacional de História Natural, de Lisboa (secção de Mineralogia) tal como se pode ver em fotografia inserta em A. M. Galopim de CARVALHO, César L. LOPES, «Geociências na universidade de Lisboa - investigação científica e museologia» in *Paculdade*

- de Ciências da Universidade de Lisboa. *Passado/Presente. Perspectivas futuras*, Lisboa, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 1987, p. 253. Orlandini, de resto como vários outros viajantes entre os quais Link, deixa uma crítica contundente ao facto de ostentar uma inscrição *esculpida* no próprio metal com a dimensão de 30 cm de altura e 14 cm de largura.
- 41 Orlandini, *op.cit.*, p. 43.
- 42 *Carta de Geoffroy Saint-Hilaire aos professores-administradores do Muséum*, Lisboa, 19 de Maio de 1808, Citada em Hamy, *La mission...*, *op. cit.*, p. 44.
- 43 *Idem*.
- 44 Robert SOUTHEY, *Letters written during a journey in Spain and a short residence in Portugal*, Londres, Longman, 1808, vol. II, pp. 158-159.
- 45 Adam NEALE, *Letters from Portugal and Spain*, Londres, Richard Phillips, 1809, pp. 109, 112-114.
- 46 Peter HAWKER, *Journal of a regimental officer during the recent campaign in Portugal and Spain under Lord Viscount Wellington*, Londres, J. Johnson, 1810, pp. 10-11.
- 47 Henry-Thomas COCKBURN, *A voyage to Cadiz and Gibraltar up the Mediterranean to Sicily and Malta in 1810 and 1811, including a description of Sicily and the Lipari Islands and an excursion in Portugal*, Londres, T. Harding, [1815], 2.º vol., pp. 142-143.
- 48 Louis-François de TOLLENARE, *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, Paris, P.U.F., 1971, 3 ts.
- 49 Bibliothèque Saint-Geneviève, *Manuscrito n.º 3434*.
- 50 Cf. Sergio MORAVIA, *Il pensiero degli 'idéologues': scienza e filosofia in Francia (1780-1815)*, Firenze, La Nuova Italia, 1974; Sergio MORAVIA, *Il tramonto dell' illuminismo. Filosofia e politica nella società francese (1770-1810)*, Roma-Bari, Laterza, 1986, pp. 370 e sgs.
- 51 "Questa ottimistica fede in una natura comune e in una dote potenziale connaturata a tutti gli uomini, a cui cooperano gli *idéologues* francesi e gli empiristi inglesi, i latitudinari e i deístes británnici, gli eredi della tradizione augustea e i rappresentanti più aperti del ceto borghese, è il vero passaporto del Grand Tour." Brili, *Quando viaggiare...*, *op.cit.*, p. 27.
- 52 Desembarcará no Porto em Junho de 1816. Data de 5 de Agosto a *note dominicale* relativa a Coimbra e de 8 de Setembro de 1816 relativa a Ajuda.
- 53 *Mais il appartenait surtout à ce qu'on pourrait appeler le 'Siècle de Buffon'. Comme tant de ses contemporains, il se passiona pour les sciences naturelles, et surtout pour la botanique. (...) Avec un cercle d'amis (...) il herborise (...) il fréquente les professeurs du Muséum (...) et il acquiert une connaissance approfondie de la classification des plantes par Linné et celle des minéraux par Haüy.* Louis BOURDON, «Introduction» in Tollenare, *Notes dominicales...*, *op.cit.*, t. I, p. XIII.
- 54 Tollenare, *Notes dominicales...*, *op.cit.*, t. I, pp. 184-186.
- 55 Esta parece ser uma questão de indiscutível actualidade, com a qual se confrontam ainda os nossos museus naturalistas: Artur Ricardo JORGE, «Museus de história natural. Relatório apresentado ao I.º congresso nacional de ciências naturais na sua VI.ª sessão plenária, em 11 de Junho de 1941» in *Arquivos do Museu Bocage*, n.º 12, 1941, pp. 79-112; Artur Ricardo JORGE, «A dupla missão - científica e cultural - dos museus de história natural, à luz da

Perspectivas futuras, Lisboa, Museu
andini, de resto como vários outros
dente ao facto de ostentar uma
e 30 cm de altura e 14 cm de largura.

Adornos do Muséum, Lisboa, 19 de
1. 44.

Main and a short residence in Portugal,

, Richard Phillips, 1809,

*A recent campaign in Portugal and
son*, 1810, pp. 10-11.

*Altar up the Mediterranean to Sicily
city and the Lipari Islands and an
ol.*, pp. 142-143.

pendant un voyage en Portugal

*a e filosofia in Francia (1780-1815),
nonto dell' Illuminismo. Filosofia e
terza*, 1986, pp. 370 e sgs.

*a dote potenziale connaturata a
e gli empiristi inglesi, i latitudinari e
i rappresentanti più aperti del ceto
uando viaggiare...*, *op.cit.*, p. 27.
e Agosto a *note dominicale* relativa a

'*Siècle de Buffon*'. *Comme tant de
les, et surtout pour la botanique.
les professeurs du Muséum (...)* et
*on des plantes par Linné et celle des
n Tollenare, Notes dominicales...*,

e, com a qual se confrontam ainda
Museus de história natural. Relatório
rais na sua VI.ª sessão plenária, em
2, 1941, pp. 79-112; Artur Ricardo
seus de história natural, à luz da

biologia e da museologia modernas» in *Arquivos do Museu Bocage*, n.º 23, 1952, pp. 125-144; Germano F. SACARRÃO, *Museus de história natural – significado nos domínios da investigação e da cultura*, Lisboa, Arquivos do Museu Bocage, 1972; Germano F. SACARRÃO, «Pedagogia da evolução e museus de história natural» in *Prelo*, n.º 16, Julho/Setembro 1987, pp. 17-37; Giovanni PINNA, *Fondamenti teorici per un museo di storia naturale*, Milano, Jaka Book 1997.

56 Cf. Tollenare, *Notes dominicales...*, *op.cit.*, t. 1, pp. 184-186.

57 *Idem*.

58 (...) *caixa com feto humano monstruoso com duas cabeças; (...) abortos humanos, em aguardente, um preto e dois brancos; um pinto e um gato com quatro pernas; um cão, em aguardente, com sete pernas (...)*. Cf. *Museo da Universidade de Coimbra, que foi de Domingos Vandelli. Se acha distribuido em tres Casas (s/d)*, Arquivo Histórico Ultramarino, Reino, Maço 2695-A. Também em 1781 o seu discípulo Alexandre Rodrigues Ferreira dava conta que: *Outra utilidade q. consigo tras a indagação dos ninhos he o recolhimento dos partos monstruosos. No Real Jardim Botânico da Ajuda em Lisboa conserva-se huma gallinha de muntas pernas. Existe no poder de Julio Mattiazzi hum Caçãõ já grande com duas Cabeças: Outras duas cabeças tem no Gabinete de Coimbra hum Menino*. Cf. Alexandre Rodrigues FERREIRA, *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o Plano, que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que visitaõ os Certoins, e Costas do Mar (1781)*, AHMB, Res. 17.

59 A leitura da *Gazeta de Lisboa*, desde 1715 e durante todo o período joanino, é pródiga em relatos de partos humanos com fetos *anómalos* (siameses, por exemplo) e de animais *monstruosos* nascidos um pouco por todo o país. Algumas vezes chegava-se a ilustrar a notícia com desenhos enviados pelos próprios médicos ou por eruditos locais. *Gazeta de Lisboa*, 1715-1762; 1778-1807.

60 Tollenare, *Notes dominicales...*, *op.cit.*, t. 1, pp. 184-186. Existem alguns documentos sobre a disposição física dos objectos naturais nas salas do Museu que, apesar de tardios em relação ao período que estamos a tratar, julgamos relevante divulgar: *A [segunda] sala do Museu tem sete Armarios de cada lado. À entrada da porta de cada lado está hum armario no q. está a direita entrando estão as terras, e á esquerda estão sementes (...)* e *em ambos nas gavetas em baixo estão os Herbários*. Cf. *Armario LXV (s/d) [1836]*, AHMB, Rem. 436; (...) *colecção de mais de 40 madeiras petrificadas; armários de vidraças de grandes dimensões para recolher as produções do Reino Vegetal, construídos dentro das casas; mesa de estanho em que sempre se curtiram as peles dos animaes para se poderem preparar; pedestal de pedra da massa grande de cobre [nativo do Brasil]*. Cf. *Livro De Registo das Ordens da Academia respectivas ao Museu Nacional. Desde 6 de Outubro de 1836 em diante*, AHMB, Div. 23.

61 J. Bethencourt FERREIRA, «O museu de historia natural de Lisboa» in *Revista de Educação e Ensino*, 1892, n.º 6, pp. 261-272; n.º 8, pp. 342-351; n.º 9, pp. 420-427; n.º 10, pp. 476-480; n.º 12, pp. 561-564.

62 Balthazar OSÓRIO, «Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de Félix d'avelar Brotero» in *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. V, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1918.